

A partir dos anos 70, a qualidade da produção literária voltada para a criança despertou o interesse da escola, empenhada em reconquistar para a leitura crianças e jovens, cada vez mais seduzidos pela cultura da imagem que se oferecia eletronicamente, ao comando de um botão. A escola, então, redescobriu a literatura, e as editoras descobriram a escola. Como consequência, os livros saíram da caixa de brinquedos, onde costumavam alinhar-se junto a bonecas e carrinhos, e transferiram-se para a mochila estudantil. Esse movimento de retorno do livro literário à escola pôs em ação um processo dialético de estímulo e concorrência envolvendo escritores, ilustradores, editores e livreiros, o que hoje pode ser medido nos mais de 600 títulos novos que invadem o mercado a cada ano, uma verdadeira avalanche.

Percebendo o rico filão comercial representado pela clientela escolar, a produção de livros infantis cresceu e se sofisticou. A concorrência trouxe a preocupação com a qualidade gráfica, com o valor artístico da ilustração, com o apelo da capa, além, é claro, do pressuposto básico: com a qualidade do texto escrito. Na linha editorial infantil dos catálogos de nossas editoras hoje podem ser encontradas verdadeiras preciosidades de arte literária, assim como exemplos refinados de artes plásticas e gráficas.

A leitura de livros literários, que antes só ocorria nos últimos anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, com obras da literatura para adultos, incorporou-se à rotina da escola, desde as séries iniciais. A chamada literatura juvenil, gênero bastante recente, com suas novelas de aventura e suspense, com seus personagens adolescentes enfrentando crises na escola e na família, incorporou-se ao rol de leituras (e tarefas) das séries finais do Ensino Fundamental. Mesmo no Ensino Médio, a literatura infantil eventualmente comparece como objeto de estudo no curso de Magistério, habilitação que forma os professores das séries iniciais. Depois de conquistar seu espaço no Ensino Fundamental e Médio, a literatura infanto-juvenil chegou, afinal, à universidade, e isso pode ter causado alguma estranheza. Afinal, por que estudar Literatura Infantil na universidade? Em primeiro lugar, pela qualidade literária que essa produção vem alcançando no Brasil. De fato, uma coisa que nem todos sabem é que a nossa literatura infantil alinha-se entre as melhores do mundo. Prova disso é duas de nossas escritoras contemporâneas haverem já recebido a medalha “Hans Christian Andersen”, uma espécie de Nobel da literatura infantil, prêmio atribuído pelo International Board on Books for Young People (IBBY) ao conjunto de obras dos melhores escritores e ilustradores do mundo. Trata-se do prêmio máximo concedido nessa área, e somente outros quatro países o receberam mais de uma vez. Lygia Bojunga, em 1982, e Ana Maria Machado, em 2000, são as nossas duas escritoras premiadas.

Na década de 1980, a literatura infantil brasileira foi definitivamente reconhecida nos meios acadêmicos como literatura, ao ser alçada à condição de disciplina curricular nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras. Essa inclusão não foi aleatória, mas deveu-se à visibilidade que a produção do setor alcançou, fazendo circular textos ficcionais e poéticos de alta qualidade estética. Obras como *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga, *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, de Marina Colasanti, *Jardins*, de Roseana Murray, ou *Cavaleiros das sete luas*, de Bartolomeu Campos Queirós, são, fora de dúvida, peças genuinamente literárias. Essa qualidade estética, que não se reduz em função do público leitor, garantiu o acesso da literatura infantil aos currículos universitários e, como decorrência dessa inclusão, abriu espaços para transformá-la em objeto de pesquisas acadêmicas. Disputando, no meio acadêmico, seu espaço junto às demais literaturas, tornou-se objeto de estudos críticos, de ensaios e de teses, abrindo aos estudiosos de Letras um novo campo de produção acadêmica, o da crítica da literatura

infantil.

A possibilidade do surgimento de obras críticas sobre esse corpus específico – o que vem ocorrendo há mais de quinze anos na Universidade Federal de Goiás e em outras universidades, como, entre outras, a PUCRJ, PUCRS e UFMG, que têm diversos pesquisadores atuando nesse setor – atesta, sem dúvida, que essa modalidade literária está conseguindo não apenas o seu espaço, mas também seu estatuto e sua autonomia no elenco das disciplinas de Letras, colocando-se ao lado (e não abaixo) das demais literaturas curriculares. Comprova isso o fato de existir um Grupo de Trabalho sobre Leitura e Literatura Infantil na Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), entidade que congrega pesquisadores universitários dos cursos de Letras e Linguística de todo o país.

Na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, a pesquisa volta-se mais para a crítica da literatura infantil do que para questões da leitura e sua recepção. A Editora da UFG tem uma série de coletâneas de ensaios, na coleção Hórus, reunindo trabalhos de docentes da própria UFG e de outras IES e que conta, atualmente, com três títulos: Literatura infanto-juvenil: seis autores, seis estudos (1994); Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia (1995) e Literatura infanto-juvenil: leituras críticas (2002). A prática de produção de textos críticos vem sendo feita também na graduação, com algumas experiências de bons resultados.

Considerando, por outro lado, que a existência de uma literatura infantil fortemente vinculada à escola pressupõe a sua leitura, envolvendo, pois, a sua recepção e as atividades de natureza pedagógica antecedentes e conseqüentes ao ato da leitura, é de se esperar que ela também integre o currículo dos cursos de Pedagogia. A ênfase a ser dada a essa disciplina nos cursos de Letras e nos de Pedagogia é que, segundo nos parece, deve ser distinta.

Ambos os cursos formam professores, e nisso está a sua semelhança, mas, enquanto o pedagogo atua nos primeiros anos do Ensino Fundamental, na alfabetização e na educação infantil, seja diretamente, seja na orientação de docentes dessas faixas do ensino, os licenciados em Letras atuam junto aos alunos do quinto ano em diante. Cabe ao professor dos primeiros anos o papel mais importante, o de despertar o gosto pela leitura, de seduzir o leitor desde os seus contatos iniciais com os livros, antes mesmo que ele seja capaz de decifrar o código escrito.

Assim, nos cursos de Pedagogia a disciplina Literatura Infantil deveria enfatizar mais a questão da leitura (e menos a da literatura). Existe muita bibliografia disponível hoje sobre esse assunto, focalizando a leitura a partir de diversos ângulos. Também nesta mesma linha de preocupação, os licenciandos em Pedagogia deveriam ser informados sobre os diversos programas de incentivo à leitura que vêm sendo implementados regional e nacionalmente. Observar de perto seu funcionamento, avaliar estratégias e metodologias utilizadas, conferir resultados na prática das escolas são ações que deveriam mesmo converter-se em objeto de pesquisas na Faculdade de Educação, com vistas a melhorar a eficiência desses programas.

Tanto o pedagogo quanto o licenciado em Letras devem ser capazes de reconhecer um livro infantil de qualidade, mas, no caso do pedagogo, a diferença deve estar na preocupação com a existência concreta de um leitor infantil que irá receber esse livro: a partir de quais critérios a obra será selecionada? Que estratégias adotar para despertar o interesse do leitor? Como tornar a sua leitura produtiva? Que atividades programar para que ele possa partilhar a sua experiência de leitura com os colegas?

Como se percebe, a partir destas breves considerações, existem espaços de atuação

distintos e definidos para a Literatura Infantil nos dois cursos. O mesmo corpus de estudo – a produção literária para a criança e o jovem surgida no Brasil depois de Lobato – pode ser estudado de ângulos diferentes e com objetivos diversos: no curso de Letras, o livro infantil pode ser analisado como obra estética, revelando suas peculiaridades de construção, o uso artístico que faz da linguagem e também da ilustração, o diálogo que propicia com outras obras e autores que o antecederam, as interseções com outras áreas do conhecimento humano.

No curso de Pedagogia, o olhar do aluno-pesquisador pode ir além do livro, detendo-se sobre as etapas e dificuldades do processo de leitura, desde o seu começo, na pré-alfabetização, acompanhando outro processo em curso, o da formação do leitor. Ou seja, o olhar do pedagogo deve incluir mais do que o livro. Deve incluir a escola em seu papel de formadora do cidadão-leitor. Se o enfoque concedido à literatura infantil no curso de Letras pode ser considerado mais profundo, em contrapartida o que se sugere para a Pedagogia é mais amplo. São dois tratamentos que não se excluem, mas se completam.

Mesmo tomando como público leitor potencial os alunos desses dois cursos, este livro não pretende ser um manual de instruções ou um livro de receitas. É, antes, um compartilhar de experiências e de reflexões sobre a leitura e a literatura infantil e juvenil, resultado de mais de vinte anos de docência dessa disciplina no curso de Letras da Universidade Federal de Goiás. Os textos aqui reunidos, em sua grande maioria já publicados, foram produzidos para aulas, minicursos, comunicações, mesas-redondas e palestras. As notas de rodapé esclarecem onde foram anteriormente publicados. Para esta edição, sofreram um “processo de raspagem”, como Lobato aconselhava seus amigos a fazerem com seus textos, eliminando-se as muitas notas explicativas e atualizando alguns dados.

Na estruturação do livro privilegiou-se a narrativa de ficção com autoria, modalidade de texto de maior peso na produção editorial voltada para a criança e o jovem. A ficção nos acompanha em todos os momentos, da infância à velhice, do faz-de-conta às memórias do passado. Histórias de fadas, causos e contos populares, romances literários ou de massa, filmes de cinema e novelas de televisão, o sonho de cada noite ou a última piada sobre o político do momento – as narrativas de todos os tons têm o dom de mobilizar a nossa atenção, de nos manter suspensos pela palavra do narrador. Contando histórias, Sherazade conseguiu vencer a morte, conquistar o amor do marido e reverter o conceito que ele fazia das mulheres em geral.

Por meio da palavra e dos enredos que engendra, o ficcionista desdobra um mundo diante de cada leitor. Não o mundo que os jornais trazem a cada dia para dentro de nossas casas, mas outro que, em sendo inventado, é mais real do que ele. É o mundo virtual, feito de possibilidades, um mundo fictício que se constrói como um intrincado mecanismo de relógio, dotado de inúmeras engrenagens que se articulam com precisão. Um mundo em que podemos reconhecer um pouco de nós mesmos, de nossas vivências, de nossos desejos, de nossas frustrações.

Mais do que tudo, as narrativas de ficção nos tranquilizam, como bem o demonstram os estudos psicanalíticos sobre o valor terapêutico das histórias de fadas ouvidas e lidas na infância. As narrativas ficcionais – contos, romances, novelas – apresentam-nos ações que obedecem às regras da causalidade e, por isso, obedecem a uma lógica, têm uma coerência interna, do que resulta uma relativa previsibilidade. Todo espectador sabe como serão os desdobramentos e qual será o desfecho da novela de televisão que está acompanhando – e por isso mesmo não perde nenhum capítulo. Em sua previsibilidade, em seu andar de relógio, a ficção nos ajuda a suportar os reveses da vida (esta, sim, sempre tão imprevisível), acena a cada leitor com a esperança de que também sua vida pode ter uma

lógica, pode brindá-lo com lances de audácia e, ao termo, pode rumar para o porto seguro de um final que justifica todos os acontecimentos passados. Um final que até pode ser feliz. Como afirmamos acima, é sobre esse amplo mundo das narrativas, do qual tomamos conhecimento desde os primeiros anos da infância, que vamos tratar neste livro, que se organiza em oito partes. Nas duas primeiras, de um modo bastante abrangente, abordaremos a questão da leitura na escola e a questão das fontes originárias da narrativa de ficção. A partir da terceira parte, focalizaremos seis autores consagrados da literatura infantil brasileira, começando com seu fundador, Monteiro Lobato. Eles se apresentam na seqüência cronológica de seu primeiro livro editado para o público leitor infantil: Monteiro Lobato (*A menina do narizinho arrebitado*, 1921), Lygia Bojunga (*Os colegas*, 1972), Sylvia Orthof (*A viagem de um barquinho*, 1975), Ruth Rocha (*Palavras, muitas palavras*, 1976), Ana Maria Machado (*Bento que bento é o frade*, 1977) e Marina Colasanti (*Uma idéia toda azul*, 1979). São os mesmos autores selecionados para um projeto levado a efeito na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás de 2002 a 2007, de que resultaram seis volumes de ensaios críticos de autoria de alunos da graduação, a coleção “Primeiros Vãos”.

Toda escolha implica perdas, e nesse caso não foi diferente. Optando por seis ficcionistas brasileiros que endereçam seus textos a crianças, deixamos de lado a maior parte da literatura juvenil, a produção em poesia, todo o imenso tesouro constituído pela ilustração, o teatro infantil e os textos da tradição oral – lendas, mitos e histórias de fadas. Estas últimas comparecem na segunda parte, na forma de um ensaio introdutório aos estudos dos autores brasileiros que seguem. Tais cortes são parcialmente compensados nas propostas de atividades apresentadas.

Apesar do recorte didático adotado, o público-alvo deste livro não é fechado. Porque os textos nasceram no exercício da docência em Letras, seu perfil certamente se afina mais com esse curso. Contudo, como os estudos de Literatura Infantil e Juvenil são necessários no currículo de Pedagogia e do Magistério, o livro poderá ser útil também para esses cursos. Pode igualmente interessar a tantos que, por atuarem na área de produção cultural (shows infantis, peças teatrais, montagens lítero-musicais), buscam conhecimentos interdisciplinares que joguem luz sobre as várias linguagens artísticas.

As oito partes do livro estruturam-se internamente de acordo com um mesmo padrão. As duas primeiras, “Escola, livros e leitores” e “O mundo das narrativas”, têm um caráter mais abrangente, ou seja, apresentam uma introdução ampla do assunto em foco. Na primeira, observa-se a imagem da escola brasileira mostrada ao leitor pela via da ficção e discute-se o papel do professor na promoção da leitura, sugerindo caminhos para sua prática. Em “O mundo das narrativas”, dois textos colocam em discussão as origens subterrâneas das narrativas infantis, relacionando-as ao mundo dos arquétipos e às histórias de fadas. As seis partes subseqüentes focalizam, cada uma delas, um nome consagrado da literatura infantil brasileira, a começar por Lobato. Essas partes não são numeradas, para que não sugiram uma seqüência, ou qualquer vínculo de subordinação entre elas. Na verdade, constituem peças autônomas, que podem ser lidas e estudadas na ordem preferida pelo usuário do livro. Cada uma delas apresenta um ou mais textos de reflexão ou análise sobre o tema em pauta, sendo que, nas seis últimas, uma notícia biobibliográfica introdutória apresenta informações sobre a vida e a obra do autor focalizado.

Ao final de cada parte, em razão dos objetivos didáticos do livro, são apresentados:

- TÓPICOS PARA DISCUSSÃO (algumas questões propostas para discussão em sala de aula após a leitura de cada texto);
- SUGESTÕES DE ATIVIDADES (com dois tipos de propostas: uma para a Graduação; e

outra para o Ensino Fundamental);

- **LEITURA COMPLEMENTAR** (indicações de livros, vídeos, DVDs e CDs que se relacionam direta ou indiretamente ao tema tratado e que podem auxiliar professores e alunos em seu trabalho).

A inclusão de propostas de atividades para o Ensino Fundamental busca subsidiar o trabalho dos alunos de Letras e de Pedagogia na sua atuação como estagiários nas escolas bem como a atuação de professores em seu processo de formação continuada. Cabe lembrar que as novas exigências curriculares atribuem um número significativo de horas para a Prática como Componente Curricular, prática que precisa, sem dúvida, privilegiar atividades de desenvolvimento da leitura na escola. Essas orientações curriculares recomendam também que, nas várias disciplinas do curso, cada professor tenha em mente que está formando docentes e lhes forneça, no âmbito de sua área disciplinar, os subsídios necessários ao futuro exercício profissional.

Foi pensando nesses objetivos de formação curricular que este livro foi organizado. Todavia, é preciso, inicialmente, lembrar duas premissas básicas, mesmo que pareçam óbvias: a primeira é que o programa de ensino e o cronograma de aulas de qualquer curso são sempre atribuição do professor. Portanto, este livro não está sendo proposto como um manual didático convencional, com uma ordem fixa de utilização dos seus conteúdos, nem com a determinação de duração e de prioridade para o uso dos textos. O que esperamos é que nele o professor encontre subsídios importantes para suas aulas.

A segunda premissa é que o estudo de literatura requer a leitura dos textos literários. Só depois disso, e de modo secundário, a leitura dos autores em estudo poderá ser iluminada pelos textos críticos; ou seja, a leitura da crítica não substitui, em hipótese alguma, a leitura do texto literário. Em outras palavras, o professor de literatura infantil deverá ter livros disponíveis de cada autor que incluir em seu programa de curso e deverá promover a efetiva leitura desses livros em suas aulas. E aqui se situa um dos pontos de estrangulamento de qualquer curso que trabalhe com leitura: raramente os alunos podem ou querem comprar livros. Como lidar com esse impasse?

Nos casos em que há uma biblioteca ou salas de leitura na instituição, o professor deve verificar as condições do acervo com antecedência e programar as leituras exigidas dos alunos em conformidade com tais acervos. Se as obras indicadas para leitura não estiverem disponíveis para empréstimo na biblioteca, a saída é o professor montar seu próprio acervo e trabalhar com ele em suas aulas. Contatos com editoras e distribuidores podem proporcionar algumas doações, e visitas aos sebos podem criar oportunidades de aquisição de livros por preços módicos.

De posse desse material, sugere-se que as aulas sobre um autor sejam iniciadas com uma sessão de leitura de seus livros, o que pode ser feito de várias maneiras: o professor faz uma leitura expressiva de textos curtos, representativos da obra do autor; o professor lê, alternando-se com um aluno, capítulos ou trechos de um livro; o professor dispõe os alunos em pequenos grupos (com no máximo cinco participantes), distribui um livro para cada grupo e pede que leiam à meia voz; o professor distribui um livro para cada aluno (ou para cada dois alunos) e determina um tempo para leitura silenciosa, fazendo com que eles troquem os livros com os colegas até esgotar-se o tempo marcado para a atividade, etc. Como se vê, há muitas maneiras de se contornar o problema da falta de livros, e cada professor saberá achar a alternativa que mais lhe convém.

Para o estudo dos textos reunidos neste livro, sugere-se iniciar pelos dois blocos introdutórios, “Escola, livros e leitores” e “O mundo das narrativas”, uma vez que, pela sua abrangência, eles permitem uma ampla reflexão sobre a importância da leitura e sobre o

papel do professor na formação do leitor, assim como sobre os vínculos existentes entre as narrativas de ficção, os textos folclóricos e míticos, a literatura e o cinema, a produção para adultos e crianças. Isso permite situar a literatura infantil e juvenil dentro de um amplo conjunto de efabulações que fascinam o homem desde sempre, estabelecendo as simetrias e as eventuais diferenças entre essa modalidade de literatura e a produção literária “tradicional”.

No caso das seis partes restantes, a determinação da ordem de estudo pode ser definida pelo professor a partir de seu planejamento curricular.

Quando o texto focalizar uma determinada obra do autor em estudo, como é o caso das análises de *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, e de *Ana Z., aonde vai você?*, de Marina Colasanti, é fundamental que os alunos conheçam a história antes de passar ao texto crítico. A leitura dessas duas novelas pode ser feita pelo professor, em capítulos, ao longo de algumas aulas. No caso do texto de Ana Maria Machado, o CD produzido pelo Instituto Moreira Salles traz o 4º capítulo (“Conversas de antigamente”) lido pela própria autora e pode ser usado junto com a leitura dos outros capítulos.

Os tópicos para discussão, que acompanham cada texto, são sugestões de alguns pontos de partida para suscitar uma discussão após a leitura, com vistas a um aprofundamento das questões ali tratadas. Cada professor poderá conduzir a discussão em sua sala de aula de acordo com a abordagem que está utilizando no curso e com a bagagem cultural de seus alunos.

As sugestões de atividades incluem, conforme já se esclareceu, algumas atividades voltadas para os alunos da Graduação e outras para o Ensino Fundamental, para uso eventual dos alunos estagiários e daqueles que já exercem o magistério concomitantemente à graduação.

Na leitura complementar, o professor vai encontrar sugestões de leituras teóricas, críticas e literárias que podem propiciar um alargamento, ou um aprofundamento, das discussões. Por exemplo, ele poderá ter interesse em ver com seus alunos as funções de Propp, a crítica estruturalista, ou a teoria do fantástico e, por esse viés teórico, incursionar nas histórias de fadas, antes de chegar a Lobato e aos autores brasileiros contemporâneos. Uma consulta à bibliografia comentada, que aparece em Anexo no final do livro, pode ser útil para complementação de pesquisa.

Da mesma forma, as indicações de vídeos, DVDs e CDs disponíveis no mercado poderão ensejar novos rumos nas discussões do curso, como, por exemplo, a discussão sobre as alterações que os textos literários sofrem ao serem adaptados para outras linguagens (cinema, quadrinhos, etc.). Essa discussão torna-se particularmente interessante se feita em relação à obra de Lobato, cuja transposição para o vídeo já teve três versões na Rede Globo (a segunda delas à venda em VHS e DVD).

Ao proporcionar uma visão mais ampla da literatura infantil e oferecer subsídios variados ao professor, este manual pretende dar sua contribuição à formação de novas gerações de leitores, mais críticos e exigentes.